

# De projeto polêmico a empresa rentável

**A Jari Celulose consegue a auto-suficiência na produção de madeira cultivada. No ano passado registrou seu primeiro lucro**

Regina Pires

Do equipe do Correio

**S**ó há um vôo diário e de madrugada. Todos torcem para que o tempo esteja bom na região do Baixo Amazonas, ou será preciso voltar a Belém, o que é comum nesta época de chuvas. O avião pousa, contudo, sem problemas ao distrito de Monte Dourado, onde fica a sede da Jari Celulose S.A.

O rio, a fábrica, a casa de hóspedes, o museu, tudo leva o nome Jari. A palavra, do Tupy-guarani, quer dizer rio da castanha, que já foi a principal fonte de renda do lugar.

Agora, tudo gira em torno da Jari Celulose S.A., que muita gente ainda insiste em chamar de projeto Jari — o polêmico projeto do bilionário norte-americano Daniel Ludwig, que comprou de um grupo de portugueses, em 1967, 1,6 milhão de hectares de terra na região.

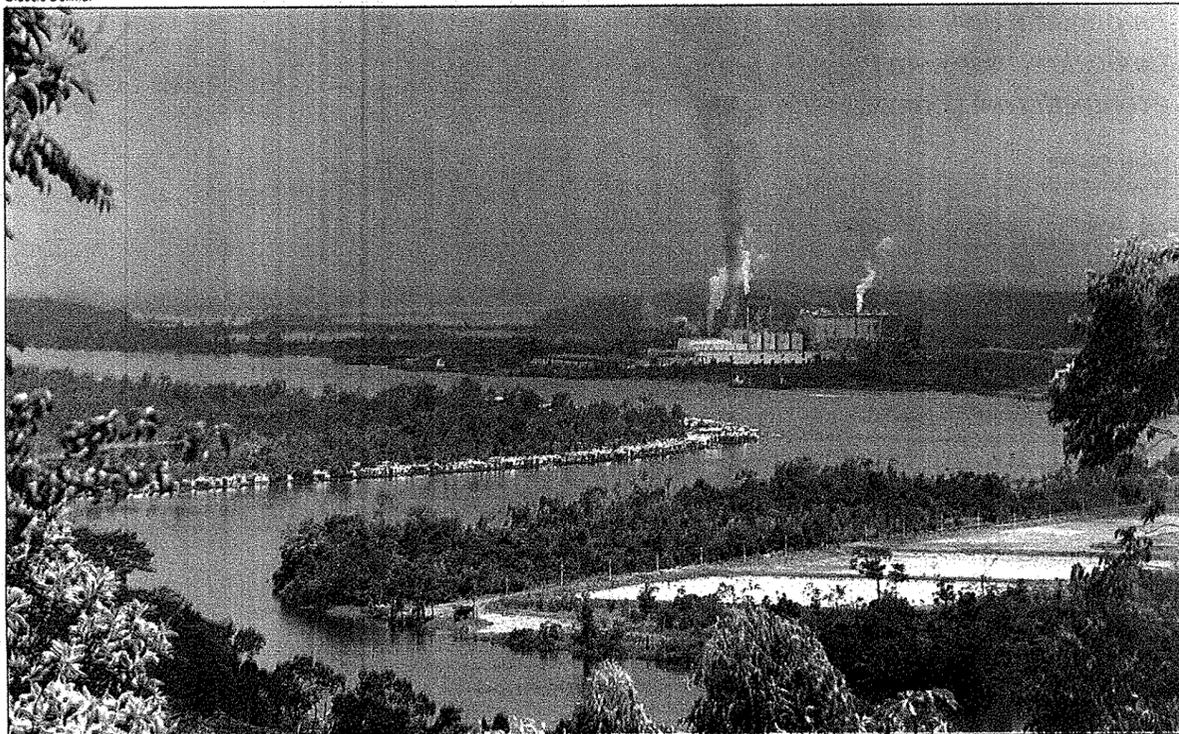
Depois de quase duas décadas, a Jari Celulose conseguiu finalmente este ano tornar-se auto-suficiente na produção de madeira, a principal ma-

téria-prima que utiliza para fabricar celulose. Esse era um pesadelo para a diretoria da empresa. Durante anos, a necessidade de comprar madeira para a fábrica de celulose contribuiu para a acumulação de prejuízos.

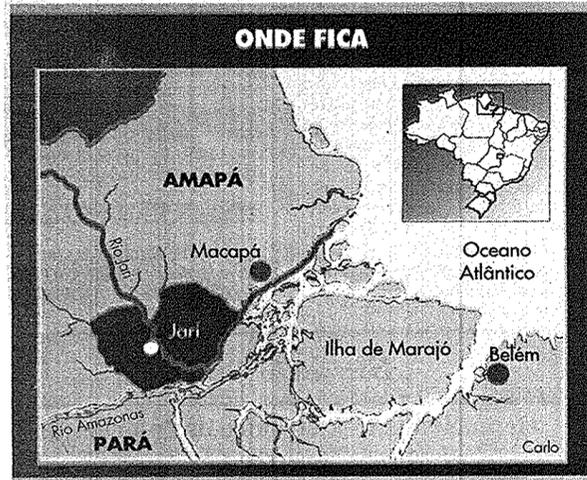
No começo, ainda nas mãos de Ludwig, o projeto Jari impressionava pelo porte visionário. A área distribuída entre o estado do Pará e o então Território do Amapá, coberta por florestas nativas, seria parcialmente desmatada para o plantio de madeira e alimentos. Mas Ludwig teve problemas com o plantio de arroz, superdimensionado e feito em terrenos inadequados. Houve dificuldades também no cultivo de árvores. A gmelina, espécie trazida da Ásia, não se adaptou ao solo amazônico.

Com a desistência de Ludwig em 1981, o governo militar convocou um grupo de empresários brasileiros, liderado por Augusto Trajano de Azevedo Antunes, do Grupo Caemi, para controlar a Jari. Uma das providências do grupo foi substituir a gmelina pelo eucalipto e o pinus, que se adaptaram ao solo da região.

Glauco Deltmar



Na beira do rio, a Jari Celulose S.A. poderá resolver o problema do alto custo da energia, construindo uma hidrelétrica na cachoeira de Santo Antônio, no Amapá



## Meta é aumentar a produção até 1999

A meta prioritária da empresa é modernizar a fábrica, elevando a produção anual de 280 mil toneladas de celulose para 350 mil toneladas até 1999, informa o diretor industrial da Jari, Erton Sanchez.

Para isso, será necessário investir R\$ 100 milhões, um montante que a empresa pretende obter do banco de investimentos Dillon Read, dos Estados Unidos.

A construção de uma hidrelétrica no rio Jari, na cachoeira de Santo Antônio (AP), é outra meta para o mesmo período. A obra está orçada em R\$ 80 milhões. A hidrelétrica deve resolver o problema do alto custo de produção de energia com a queima

de subprodutos da madeira e ainda de 28 mil toneladas de óleo bruto por ano. "Previsão é economizar R\$ 10 milhões no orçamento anual quando a primeira turbina entrar em funcionamento, daqui há três anos", explica o presidente da empresa, Fernando Tigre. É um número expressivo, considerando o volume da receita líquida do ano passado, de R\$ 182 milhões.

### LUCRO

No ano passado, a empresa registrou o primeiro lucro operacional de sua história, de R\$ 2 milhões. Sair do vermelho, no entanto, não aconteceu por nenhum passe de mágica. Os

preços da celulose deram um salto no mercado internacional, batendo o recorde de US\$ 850 a tonelada, em 1995.

Mas neste ano o fator preço deve ter influência negativa sobre os resultados. Com a alta do ano passado, muitas empresas acumularam estoques e depois despejaram o produto no mercado. Os preços caíram, assim, para menos da metade, situando-se, atualmente, em torno de US\$ 400 a tonelada, influenciados também pela ação da Indonésia, que passou a derrubar madeira para abastecer as indústrias.

A Jari exporta três quartos de sua produção, sendo o segundo maior ex-

portador brasileiro de celulose para a Europa, depois da Aracruz. O Grupo Caemi explora ainda na região uma mina de caulim, utilizado na impermeabilização de papel (250 mil toneladas/ano), com faturamento de R\$ 32 milhões. O grupo possui ainda um rebanho de cerca de 15 mil búfalos.

A Jari exporta três quartos de sua produção, sendo o segundo maior exportador brasileiro de celulose para a Europa, depois da Aracruz. O Grupo Caemi explora ainda na região uma mina de caulim, utilizado na impermeabilização de papel (250 mil toneladas/ano), com faturamento de R\$ 32 milhões. O grupo possui ainda um rebanho de cerca de 15 mil búfalos.

## Contrastes à margem do rio Jari

Nada de laranja. Castanha, macaranduba, búfalo e muito peixe das águas do rio Jari, além de ouro (vindo dos garimpos do Pará).

Mesmo assim, o município que fica dentro da área da empresa do lado do Amapá foi batizado de Laranjal. Laranjal do Jari. Um antigo morador cultivava meia dúzia de laranjeiras na margem de um igarapé (riacho amazônico) onde teve início a cidade, e deu o nome ao lugar.

Mas foi na margem do Jari que o município de fato cresceu. Intermináveis palafitas são habitadas por gente simples vinda de cidades do Norte e Nordeste à procura de trabalho. A Jari Celulose foi um chamariz.

O percurso entre o distrito de

Monte Dourado (PA) e o município de Laranjal do Jari (AP), feito em pequenos barcos a motor, demora 45 segundos.

O trajeto curto separa mundos totalmente diferentes. De um lado, em Monte Dourado, onde moram funcionários da Jari Celulose em casas confortáveis, pintadas de branco. As ruas são asfaltadas e limpas.

Do outro, em Laranjal, não há energia elétrica entre seis e dez da manhã. A água potável só atende 40% da população.

### OBRA

A maior expectativa do prefeito, Antonio Cruz, do PSB, é a construção da hidrelétrica na Cachoeira de Santo Antônio. A obra deverá

triplicar a receita do município e acabar com o problema de falta de energia.

A hidrelétrica, ao contrário da Jari Celulose, vai ficar do lado do Amapá, e com isso os impostos a serem recolhidos vão beneficiar Laranjal do Jari.

A fábrica de celulose se situa no município de Almeirim (PA) — do qual Monte Dourado é um distrito — que arrecada por ano R\$ 2,2 milhões em impostos da Jari.

Enquanto a hidrelétrica não se materializa, a população se vira como pode. A exploração de castanha-do-pará — tão importante que faz parte da merenda escolar do município — é ainda fonte de renda certa para muitos.

## Devastação foi considerada erro

Ecologistas não se conformam até hoje com a devastação promovida por Ludwig na região amazônica.

"A filosofia do projeto foi errada. Não tem cabimento derrubar floresta nativa para promover monocultura de árvores", critica o coordenador da Campanha de Floresta da organização Greenpeace no Brasil, José Augusto de Pádua.

Biólogos e engenheiros florestais da empresa argumentam que não houve aumento da área de desmatamento desde os tempos de Ludwig.

O biólogo e consultor da empresa, Luis Cláudio Ferreira, diz que a produção de oxigênio é maior em florestas plantadas do que em florestas maduras, onde a decomposição de matérias orgânicas absorve oxigênio e libera gás carbônico na mesma proporção.

"O mito de que a Amazônia é o pulmão do mundo não é verdadeiro, mas ela é o ar-condicionado do planeta", afirma. "As florestas nativas têm uma biodiversidade que nenhuma cultura pode substituir e a Bacia Amazônica concentra 20% da água doce do mundo inteiro.

Isso é importante para o equilíbrio do sistema. Se destroem a mata, os rios ficam comprometidos", afirma.